

Paisagem Artista: Experienciações Criativas com Vascões

Alexia Sera

FBAUP

Alexia Sera

De ancestralidade familiar ligada a três continentes, nasce Alexia Sera na cidade de São Paulo (Brasil). Ingressa na Universidade de Coimbra em Portugal onde termina licenciatura do curso de Sociologia em 2019. Buscando trilhagens no campo artístico aliadas ao background nas ciências sociais, encerra em 2021 na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto o programa de mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, onde tem tido a oportunidade de se dedicar a estudos filmográficos e a diversos projetos de intervenção artístico-ecológico-sociais. É autora dos curta-metragens 'Maluco da Fumaça', 'Texturas Oníricas' e 'Mandrágora'.

IMAGENS E ARQUIVOS

Resumo

Neste trabalho debruço-me sobre a paisagem rural em toda a sua universalidade transcendente, intervindo nela através de gestos poéticos de escuta a elementos humanos e não humanos, numa perspectiva holística de Gaia. Representantes ancestrais do pensar, dos saberes, fazeres, e ser da não-urbanidade, os mestres e as mestras artesãs dialogam com a paisagem física em ações criativas de arte, cultura e mundo. Quer através da etnografia audiovisual quer por via de intervenções artísticas em confluências anímicas com a paisagem da Mata de Vascões, utilizo-me da linguagem cinematográfica para exercitar uma relação afetiva, política e estética. Por um lado, assomam-se componentes físicos e metafísicos da mata, por outro pulsa a emotividade arcádica da artista. Assim, como escutar e incorporar o binômio paisagem-artista dentro do seu papel catártico e coparticipativo na criação artística? Tal busca vai de encontro a uma conjuntura jurídica que vislumbra uma nova entidade legal no contexto edênico pós-moderno: alguns países, como Equador, Nova Zelândia, Colômbia, Índia, vêm de conceder status de cidadania a paisagens naturais na forma de personalidades jurídicas legalmente constituídas e representadas. É assim em consonância com tais marcos jurídicos que venho propor o reconhecimento da paisagem como artista legítima já eu mesma experienciando uma parceria psicocriativa nas andanças por Vascões. Tal gesto comporta em meu ser a melhor resposta a um entendimento da essência do meu fazer arte, ao acolhimento no lar ontológico em simetria de valores e em profundas interações simbióticas.

Palavras-chave: Personalidade Artística da Paisagem, Paisagem Atuante, Anima Lírica, Saberes Populares

Abstract

In this work, I focus on the rural landscape in all its transcendent universality, intervening in it through poetic gestures of listening to human and non-human elements, in a holistic perspective of Gaia. Master craftsmen, ancestral representatives of the thought, knowledge, ways of making and being characteristic of non-urbanity, have a conversation with the landscape itself through creative action related to art, culture and the world. The cinematographic language is used as a vehicle for affective, political, and aesthetic relationships, either through the audiovisual ethnography or through a creative process of animic-transcendental merging with the landscape of Mata de Vascões. On one hand, there are the physical and metaphysical components of the forest, on the other hand, the artist's Arcadian emotionality pulsates. Therefore, how to listen and incorporate the landscape-artist binomial within its cathartic and co-participatory role in artistic creation? This work takes inspiration from the legal context that envisions a psycho-creative partnership of artistic insertions within the natural environment. Some countries such as Ecuador, New Zealand, Colombia, India, have granted citizenship status to natural landscapes, in the form of lawfully constituted and represented legal entities. In line with such legal framework, I propose the recognition of the landscape as an 'artistic personality', having myself experienced a psychocreative partnership while roaming through Vascões. This gesture simply comes as the best response to an understanding of the essence of my art making, an insertion of symmetry of values and deep symbiotic interactions into the ontological space.

Keywords: Artistic Personality of the Landscape, Active Landscape, Lyrical Anima, Popular Knowledge

**“O tempo é a substância da qual sou feito.
O tempo é um rio que me leva embora, mas eu sou o rio”
Jorge Luis Borges¹**

Os dualismos ontológicos determinantes da modernidade são fonte de muitos questionamentos sobre o que discorre a contemporaneidade. Guattari destaca que o animismo, longe de ser um retorno ao irracionalismo, é uma forma de superar e neutralizar tais dualismos. Sublinha ainda que ‘mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura’ e enfatiza a necessidade do pensamento transversal, isto é, sem hierarquias, a respeito das ‘interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referências sociais e individuais’.

Quando despersionalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. (Krenak, 2019:24).

Numa concepção inovadora e decolonizadora, abandonando o olhar extrativista, alguns países, como Equador, Nova Zelândia, Colômbia, Índia, passam a reconhecer a condição de personalidade jurídica à Natureza, com direitos legais atinentes a essa cidadania recém-conquistada. Menção destacada faz jus a Constituição do Equador, aprovada em 2008, que no Capítulo VII ‘Dos Direitos da Natureza’, artigos 71 a 74, assim dispõe:

a natureza ou Pacha Mama, onde se reproduz e realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos. Toda pessoa, comunidade, povo ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos direitos da natureza. (Constituição do Equador, Cap. VII, Art. 71)²

A ação que inaugurou, dentro do campo jurídico, essa visão não dualista do mundo, foi o reconhecimento do rio Vilcabamba, no Equador, como sujeito de direito em 2011. Torna-se assim, o primeiro rio a sentar-se perante um tribunal pela defesa dos seus direitos.

Na Nova Zelândia, em 2017, foi promulgada a Lei Te Awa Tupua (Acordo de Reivindicações do Rio Whanganui) resultado de uma luta de 140 anos do povo Maori a partir de uma visão não dualista do mundo, na qual tudo é inter-relacionado, interdependente e indivisível que “vai das montanhas ao mar, incorporando seus afluentes e todos os seus componentes físicos e metafísicos”.

Os povos Maori entendem a Natureza como um elemento central na sua cosmologia e possuem uma visão horizontal acerca dessa relação, concebendo o mundo vivo como:

uma extensa rede de relações, na qual os seres humanos não são superiores nem inferiores a qualquer outra forma de vida. Encontram-se todos unidos, por serem todos descendentes da Terra e do Céu. (Warne, 2021)

1. Tradução livre do original: ‘El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me arrebató, pero yo soy el río’ Jorge Luis Borges, Nueva refutación del tiempo

2. Tradução livre do original retirado da ‘Constitución de la República del Ecuador’: “Art. 71.- La naturaleza o Pacha Mama, donde se reproduce y realiza la vida, tiene derecho a que se respete integralmente su existencia y el mantenimiento y regeneración de sus ciclos vitales, estructura, funciones y procesos evolutivos. Toda persona, comunidad, pueblo o nacionalidad podrá exigir a la autoridad pública el cumplimiento de los derechos de la naturaleza.” Cap. 7 - art. 71 a 74 p.52

As vitórias judiciais por ações quase na totalidade impetradas por povos originários seguiram mobilização pioneira de indígenas equatorianos que revolucionou, em sua forma ambiental pela primeira vez, a Constituição do Equador; nela, o artigo 10 do primeiro capítulo dentro do título dos Direitos reconhece inequivocamente a Natureza como titular de direitos:

Art. 10. Individuos, comunidades, povos, nacionalidades e grupos são titulares e gozarão dos direitos garantidos na Constituição e nos instrumentos internacionais. A natureza estará sujeita aos direitos reconhecidos pela Constituição. 34 (grifos da autora). (Constituição do Equador, Cap. I, Art. 10)³

E é em consonância com esses marcos jurídicos que venho propor o reconhecimento da paisagem como uma 'personalidade artística'. Não por assim concebê-la apenas no plano das ideias mas por poder constatar animicamente sua energia criativa, nada restrita a uma beleza casualmente inspiradora. Na origem da vida, como a biosfera foi capaz de adornar todos os elementos da litosfera num trabalho transcendente faz a mais desatenta observadora captar sua biomagia criadora.

A partir de uma pesquisa etnográfica envolvendo gente do artesanato em Vila Verde e Barcelos, seguida de ações artísticas na mata de Vascões, vejo-me experienciar uma situação inusitada de mãos artesãs a trabalhar elementos da mata numa construção de ideias e arranjos que de longe superam o simples fazer arte, desta feita em coprotagonismo psicocriativo junto à - na verdade - com a paisagem artista. Estéticas e dinamismo próprios, novas perspectivas e fundamentações. Profundas interações físico-metafísico-simbióticas.

Contagiadas pelos saberes populares, e engendradas junto ao espaço público de Vascões, as ações artísticas ganham ali corpo e significação, e em sinuoso olhar animista e transversal do mundo. Uma ponte aos saberes ancestrais do artesanato, o presente trabalho estende as mãos aos objetos artesanais e aos saberes a eles agregados; outrossim, convoca o relacionar deste conteúdo com o animismo da paisagem, uma confluência no pleno exercício do compor, em parcerias.

“Poesia, iluminará meu caminho como uma borboleta em chamas.”

Alejandro Jodorowsky⁴

O formato audiovisual que funde cinema e vídeo não me deixa dúvidas de que é a maneira mais versátil e ágil para retratar o momento, o instante histórico de existências; perpetuar imagens e sons e escutar vozes das testemunhas do tempo. Outrossim, a pesquisa etnográfica enseja um exercício ideal de buscar verdades sociais 'in loco', em interações de acolhimento e familiaridade, confidências e espontaneidade.

Câmera em punho, documento meu encontro com quatro artistas do artesanato de Vila Verde e Barcelos, norte de Portugal; oportunidade ímpar para interagir com as mentes criativas de Jorge (trabalha com cestaria, madeira e pedra), Cecília (tecelã), Rosa (tecelã) e Domingos (oleiro). Em meio a explicações e demonstrações, procuro adquirir noções do processamento da roda de olaria e do tear.

3. Constituição do Equador, tradução livre do original: “Art. 10. Las personas, comunidades, pueblos, nacionalidades y colectivos son titulares y gozarán de los derechos garantizados en la Constitución y en los instrumentos internacionales. La naturaleza será sujeto de aquellos derechos que le reconozca la Constitución.”

4. Tradução livre do original 'Poesía, alumbrará mi camino como una mariposa que arde.' do filme 'Poesía sin fin' (2016) de Alejandro Jodorowsky

Uma vantagem da pesquisa etnográfica é a possibilidade da inserção da pesquisadora no ambiente retratado expondo-a a toda uma gama de situações criadas pelo contexto. Além disso, a documentação audiovisual permite a públicos diversos não envolvidos a possibilidade de se sentir presente através dos olhos da própria câmera.

Durante os trabalhos, testemunho o encerramento da carreira de uma artesã, com impacto claro no meu imaginário artístico, cenário lúgubre de fim de era. Confinada como Héstia⁵ entre quatro paredes, tal como em 'O Cavalo de Turim' (2011), do cineasta húngaro Béla Tarr, e diante do revés planetário gerado pela pandemia, busco formas alternativas para parcerias criativas, inspirações inéditas.



Fig. 1 - Cena do filme 'O Cavalo de Turim' - Béla Tarr (2011)

Entremeada por um estado de paralisia pensante, a interrupção circunstancial do estudo etnográfico salta para projetos poéticos-artísticos em meio à mata de Vascões, sem arruinar a harmonia local, mas em plena confluência energética de achadismo e práticas de manualidades além da recordação de memórias afetivas.

A arte comporta um abrigo, um acolhimento, que transita entre a plácida contemplação e a ousadia; neste caso, tenta integrar o cenário natural como parceira criativa, a inspirar e ser inspirado, a propor e aceitar proposições, um partilhamento perfeito, sem hierarquias, e em equidade respeitosa.

Experienciações⁶ Artísticas: Alma em Laboração

A mente anímica tende sim a personificar os elementos da natureza ao mesmo tempo em que, mandrágora, enxerga simbologia humana no chão da mata. Mesclam-se assim os dois pilares da representação artística, ator e texto testemunham uma perda identitária, conjuminando esforços para a captura do instante, da efemeridade. Em síntese, é como se o universo artesão trabalhasse a matéria-prima criativa da artista em conluio com a realidade verde abrigante.

'Ossom' inicia as ações artísticas em Vascões. Primeiros elementos a se pronun-

5. Héstia, divindade do lar, é a deusa grega do fogo da lareira ("lar" o local da casa onde estava o lume) cujo objetivo sagrado é zelar pelo bem-estar e segurança das casas. Ela era a única divindade que estava permanentemente no Olimpo, dali nunca saindo, ao contrário dos outros deuses que pelo mundo vagueavam.

6. EXPERIENCIAÇÃO: Ação de fazer experiências.

ciarem de dentro da paisagem, ossos encontrados pelo chão são dependurados ao ar com a planta giesta⁷. Manifestação de vidas que evocam pensamentos acerca da transitoriedade da vida. Como se despretensiosamente a reivindicar participação na elaboração artística, eis que se expressa o vento como um susurro a integrar a componente sonora da composição; uma experiência sensorial sinestésica mas de profundos significados no universo da transcendentalidade. Inquietações anímicas, como numa catarse, a artista têxtil apercebe-se em performance interativa onde elementos locais e de fora integram-se nas materialidades visual e sonora.

Esta ação visa à essência, à transcendência, ao inexprimível que inadvertidamente ecoa na alma; ossos que simbolizam vida perene, dispostos em versos que rimam ao vento, num festim que transita por diversos animismos.



Fig. 2 - OSSOM (2020) arquivo pessoal da autora (<https://vimeo.com/486958542>)

Na sequência, 'Ossom' intitula também uma videoarte. A artista performática e os componentes de ossadas produzem vibrações embalados pelo vento, forçando-se refletir acerca dos vínculos afetivos com todos os elementos do meio ambiente, existentes ou existidos, numa simbologia de ritos de passagem, vidas em transformação.

7. GIESTA é uma espécie de arbusto nativo de Portugal.



Fig. 3 - Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos (2020) arquivo pessoal da autora

Tecer briófitas⁸ compondo metapoemas trata-se de um gesto de escuta para com a paisagem não somente para apreender os entendimentos que seus elementos guardam em si, e entre si, a exemplo do líquen⁹ que comporta uma simbiose, mas também para estreitar vínculos afetivos com cada detalhe daquele ambiente, em gestos sinestésicos de tocar, ouvir, ver e sentir: configura-se assim um poema sobre si mesmo, um trabalhar sobre o próprio lirismo, é o espelhar-se a si mesma na alteridade, e na alteridade se encontrar.



Fig. 4 - Retalho de Pedras (2020) arquivo pessoal da autora

Para reforçar a sinergia simbiótica em dupla direção com e na paisagem, 'Retalho de Pedras' é concebido à maneira de costurar com ossos duas pedras colossais, como se a restituir emoções furtadas, equilíbrios desfeitos, a simular

8. BRIÓFITAS são plantas basicamente terrestres, de tamanho reduzido, encontradas em regiões úmidas e sombreadas. Musgos e hepáticas são suas representantes.

9. LÍQUEN é a simbiose de uma alga e de um cogumelo

assim um artefato trabalhado utilitariamente à maneira da solução artesã, com matéria-prima bruta encontrada no solo.

A ação artística materializou uma tentativa subjetiva de unir bordas separadas da fenda como a coser retalhos de tecidos com simbólicos fios ósseos. Uma confluência de forças em prol de uma reintegração, reconstituição e cura, simbolizando a re-união de dicotomias entre dualismos ontológicos (natureza/cultura; corpo/mente; rural/urbano...) a partir de visões holísticas e horizontalizantes reforçando rizomaticamente linhas poéticas subterrâneas.

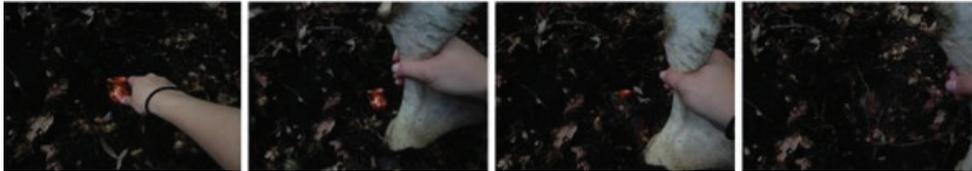


Fig. 5 - Sementeira Artesanal (2020) arquivo pessoal da autora



Fig. 6 - Sementeira Artesanal (2020) arquivo pessoal da autora

Uma forma indireta de trazer as pessoas do artesanato para uma ação artística coletiva na paisagem, a participação simbólica deles no local por conta da pandemia reaviva memórias afetivas daqueles encontros em Vila Verde e Barcelos do final de 2020. Quiçá aquelas sementes do artesanato germinem fortes superando novas incertezas e inseguranças, ramificando a partir de caules rizomáticos crescendo na direção de renovadas possibilidades.

Semear é um gesto de possibilitar gerir, um elo na corrente de vidas e gerações; fica clara então a simbologia de peças de artesanato comportarem-se como sementes, um paralelismo e um encadeamento que reconecta ciclos que vêm e vão. Donna J. Haraway defende que nós, filosófica e materialmente, somos húmus (adubo), viemos da terra, nos alimentamos com aquilo que ela provê, até que voltamos para ela. Somos compostagem do ecossistema terrestre, "Somos húmus não homo" (Haraway, 2016:55). Completa Hobbes Danyari: "Tudo surge do solo - linguagem, pessoas, emu, canguru, grama. Essa é a lei." (Danyari apud Hall, 2011: 101).

Vendi Meu Diabo à Alma

As ações artísticas em Vascões cursaram como um trabalho manual poético a quatro mãos. É mais um descaminho do que um destino certo; reflete, na verdade uma psiquê abalada e desalicerçada pela invisibilidade poderosa dos novos tempos, um retraimento meditativo, lírico e despojado, uma nova eu em consonância com o amadurecer de seu ser e o descortinar de novas visões para um mundo mudado e em modificação rápida.

Assoma-se assim a paisagem, espaço de encontros e trocas, compondo um poema sobre e com ela própria, como se fosse ela mesma a se auto experimentar. A busca pelo animismo da paisagem segue seu curso, um tanto inusitado, assim como em 'Fausto' (2011), filme de Alexandre Sokurov, onde homens dilaceram corpos à procura da alma.



Fig. 7 - Cena do filme 'Fausto' (2011) de Alexandre Sokurov

Diante da urgência guattariana de quebrar paradigmas, “desenraizá-los de seus vínculos pré-estruturalistas com uma subjetividade totalmente ancorada no passado individual e coletivo” (Guattari, 2001: 20) é que cabe o redimensionamento para um olhar horizontalizante da paisagem a fim de compor outras configurações existenciais.

Este trabalho defronta-se com a concepção das três ecologias de Guattari, quais sejam, a das relações sociais, a do meio ambiente e a da subjetividade. Em consonância com esta linha de raciocínio, ousou adicionar um quarto elemento, para afinal compor aquela que denominarei ecologia jurídico-artística, ideia-passaporte para reivindicar uma estética e natureza próprias para as criações paisagísticas. Nisto, há ilimitude de territorialidades, frêmitos de lito e biosfera conjuminados para compor um conjunto planetário como hoje se nos apresenta, a nos viabilizar existência, funcionalmente orgânico além de essencialmente belo.

Não somente por suas características físicas e experienciais, mas também por seu conteúdo eidético, a paisagem guarda capacidade de conter e expressar

ideias a acoplarem-se na mente, particularmente naquela em envolvimento de forte emotividade. (Corner, 1999:1)¹⁰

Novas e inusitadas configurações existenciais, vejo-me cúmplice a entregar ou dividir protagonismo com a paisagem artista, tornando-me sua ferramenta a emprestar-lhe mãos artesãs para alguns retoques artísticos no contexto verde, para expressão e manifestação de pensamentos e sentimentos de ambos pólos criativos, celebração de uma perfeita sinergia e uma profunda e íntima relação de simbiose psicometáfrica.

Referências

Corner, James (1999). *Recovering Landscape as a Critical Cultural Practice in Recovering Landscape - Essays in Contemporary Landscape Architecture*. Edited by James Corner. Princeton Architectural press. New York

Guattari, Felix [1989] (2001). *As Três Ecologias*. (Maria C.F. Bittencourt, trad.) Papirus Editora, 11ª Edição. São Paulo

Hall, Matthew [1980] (2011). 'Plants as Persons - A Philosophical Botany'. State University of New York, Albany, NY.

Haraway, Donna J. (2016). 'Staying with the Trouble - Making Kin in the Chthulucene'. Duke University Press. Durham and London.

Herrero, Yayo (2021). Vida: Os Cinco Elementos (V e último). O texto integrou a conferência "Pensar como uma árvore - ética e estética recompõem os laços perdidos com a Natureza", com moderação de Marta Lança, no âmbito do ping! Programa de Incurção à Galeria Municipal (Galeria Municipal do Porto), em <https://www.buala.org/pt/corpo/vida-os-cinco-elementos-v-e-ultimo>

Krenak, Ailton (2019). *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Editora Companhia das Letras; 1ª edição. São Paulo

Melitopoulos, Angela e Lazzarato Maurizio (2011). *O Animismo Maquínico*. Caderno de Subjetividade - Revistas Eletrônicas da PUC. São Paulo. nº 13: 7-27

Moraes, Germana (2018). *Perspectiva do Tratamento Jurídico da Natureza nas Nações Unidas e nos Tribunais*. Seminário Natureza e Justiça. Auditório da Justiça Federal. Florianópolis. Brasil. Em <https://www.youtube.com/watch?v=IU2heou-Um9c&t=1223s>

Vlaene, Lieselotte (2017). *Ríos: seres vivientes y personalidad jurídica — nuevos argumentos legales en la defensa de los territorios de los pueblos indígenas—* Jornal Plaza Pública. Universidad Rafael Landívar Guatemala.

Warne, Kennedy, s.d. Rectificando uma história de injustiça, a Nova Zelândia atribui ao rio Whanganui os direitos jurídicos de um indivíduo. <https://national-geographic.pt/historia/grandes-reportagens/2614-rectificandouma-historia-de-injustica-a-nova-zelandia-atribui-ao-rio-whanganui-osdireitos-juridicos-de-um-individuo>

10. Tradução livre do original: Landscape reshapes the world not only because of its physical and experiential characteristics but also because of its eidetic content, its capacity to contain and express ideas and so engage the mind. (Corner, 1999:1)